

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Vale dos sinos, primeiras décadas do século XX: histórias de atenção à infância

Beatriz T. Daudt Fischer*

De um modo geral, ao longo dos tempos, a infância pobre foi vista como ameaçadora para o futuro da ordem social. (ALVIN, 1988 e RIZINNI, 1989 e 1991); desta forma, em termos de investigação histórica, as produções têm também se vinculado a estudos sobre crianças em situação de risco. (QUINTEIRO, 2002). Ou conforme KUHLMANN, (1988 p. 16) em relação a esta temática “a história da assistência, ao lado da história da família e da educação têm se constituído como principais vertentes, independente de enfoque e método”. Não é dessa perspectiva, entretanto, que aqui se propõe o presente projeto, mas muito mais no sentido que alguns outros estudos sobre a história da infância têm recentemente apontado. Produções como as de ARIÈS (1978), GÉLIS (1991), NARADOWSKI (2001); ou mesmo sobre a história da infância no Brasil, analisada por FREITAS (2001), DEL PRIORE (1992), KUHLMANN Jr. (2000), GONDRA (2002), GUIARDELLI Jr. (1997), entre outros, vem alertar para outras dimensões de pesquisa. Inspiradas nestes estudos, a perspectiva que aqui se assume é a de encarar a Educação Infantil como produzida por discursos e práticas ao longo de determinado tempo e espaço, relacionando políticas e intervenções operacionais atravessadas por redes de poder, em instâncias escolarizadas ou não.

Pesquisar a rede de conexões aí imbricadas exige do investigador a compreensão dos elementos constitutivos da história da educação (QUINTEIRO, op cit, p. 38), enfocando Educação Infantil não como objeto natural, mas como construção social, centrada nas relações de poder (FOUCAULT (1987; 1995). Partindo de discursos que circulam no presente, a investigação tem buscado reconstituir trajetórias de sujeitos e instituições que operaram em diferentes instâncias.

Quanto ao campo empírico, elege-se Novo Hamburgo - município originalmente de imigração alemã, situado no Vale do Rio dos Sinos, região metropolitana de Porto Alegre/RS - fundamentalmente devido ao fato de ser este um município que incorpora as características de uma região industrial que cresceu seguindo o modelo capitalista de

* Professora doutora; Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Agência financ. FAPERGS.

desenvolvimento, evidenciando aos poucos contrastes gritantes entre as camadas sociais. Considerando que o atendimento à criança de zero a seis anos esteve diretamente relacionado à mãe operária por determinado período do século XX, interessa à pesquisa verificar esta questão com acuidade. Com relação ao recorte temporal, delimitou-se o século XX, desde a data possível de dados aos dias de hoje. Como nos demais cantos do país, somente a partir de 1988 a Constituição reconhece o acesso à educação em creche e pré-escolas como um direito das crianças. Ou seja, é dever do estado efetivar a garantia do “atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade.” (Cap. III, Art. 28, inciso IV). Desta forma, até 1988, embora instâncias do sistema de ensino articulassem alguns procedimentos na área do pré-escolar (escolas estaduais, municipais e particulares criaram classes de “jardim e pré”), as políticas efetivas de atendimento a criança de zero a seis estiveram geralmente associadas a práticas de assistencialismo. Cinco Ministérios tentavam dar conta de diferentes demandas: Ministério do Interior, da Justiça, do Trabalho, da Saúde, além do ministério da Educação, processaram programas e convênios, administraram verbas e interesses político partidários em nome do atendimento à criança. Como apropriadamente afirma FARIA (1995): “grandes políticas para os pequenos”. Como decorrência, em Novo Hamburgo tais políticas concretizaram-se em instâncias de ações diversificadas, fazendo aflorar lutas permanentes em torno de jogos de poder que tinham “o bem-estar da criança” como enunciado eficaz, sustentando práticas ao longo de décadas.

O fato de, em termos públicos, o atendimento à infância ter sido de responsabilidade diversa faz com que a presente investigação tenha encontrado dificuldades para localizar determinadas fontes documentais. Informações coletadas permitem afirmar que nesta comunidade, entre as décadas de 50 e 80 aproximadamente, a atenção à criança foi de responsabilidade da Secretaria Municipal de Saúde e Assistência Social, com algumas articulações envolvendo a já referida LBA. A busca por dados, entretanto, deparou-se concretamente com porão escuro e inúmeros documentos empilhados (e empoeirados) aguardando não só autorização para serem consultados como, inclusive, condições de pesquisa.

Neste município, na década de 30 do século passado, instala-se o primeiro Grupo Escolar da cidade. Há referência no periódico pioneiro do município, jornal denominado *O 5 de abril*, permitindo saber que foi neste estabelecimento que se instituiu, na rede pública estadual, a primeira classe de atendimento à criança menor de sete anos, quando a legislação atribuía escolaridade obrigatória somente a partir desta idade. Embora sobre esta escola

encontraram-se no jornal notícias datadas de 1930¹, aqui destacaremos a informação mais antiga que se conseguiu localizar referente ao tema que interessa aos propósitos desta pesquisa. Vale frisar que a descrição evidencia o contexto que então vivia o país, quando crianças de tenra idade cantam o Hino Nacional em plena festinha de Páscoa:

O jardim de infância recentemente instalado, anexo ao grupo escolar D. Pedro II, conta já com avultada matrícula de petizada. Os garotos ali vão fazer os primeiros ensaios para sua formatura moral e intelectual. O grupo sob a inteligente direção da professora D. Carolina Carvalho, promoveu às 9h de quarta feira última a Festa de Páscoa, no jardim de infância para deleitar os pequeninos. A interessante festa foi assistida pela Delegada Regional de Ensino, senhorinha Nair Maria Becker, professora e alunos do Grupo Escolar, obedecendo a seguinte ordem: Hino Nacional pelos pequenos; Distribuição de chocolates e balas com pequenas lembranças (segue o restante da programação). Em nome do corpo docente do grupo, a professora Srta. Diamantina Pirillo, fez calorosa saudação de agradecimento à delegada D. Nair, pelo seu amparo moral e material para a instituição do jardim, sendo-lhe oferecido, pela menina Celi Kuechler. Em retribuição, obsequiou os pequeninos e também os grandinhos com saboroso bolo. A parte final do programa constou do canto do Hino Nacional pelos presentes...” (Jornal O 5 de Abril, 05/04/1942, p.2, não grifado no original).

No que diz respeito a turmas de jardim de infância e de pré-escola deste estabelecimento, verificou-se um vácuo em termos de documentação ou mesmo de fontes orais ao longo de sua primeira década. Conseguiu-se localizar uma professora que lá atuou em classe de jardim de infância nos idos de 1952:

Aí eu cheguei e era assim: a professora mais antiga tinha direito de escolher o turno. Quando a diretora distribuiu, ninguém quis o Jardim de infância. Tinha gente com curso de Jardim de infância e disse “não quero mais”. Ninguém queria. A diretora me disse: Branca, tu não aceitas a classe de Jardim? Eu pensei: “Pegar jardim?” Eu tinha vindo da 5ª série... Mas essa vaga era de manhã. Aí então eu fiquei com o jardim de infância.

Dando continuidade ao seu depoimento, ficou mais explicitada a razão porque naquele momento trabalhar com os pequenos não era uma preferência entre o colegiado de professoras, já que numa única sala de aula podia haver 55 alunos, como foi neste caso relatado². Perguntada sobre a idade das crianças, ela respondeu que havia crianças de idades diversas: “algumas nem tinham feito 3 anos e a gente tinha que preparar outras para o

¹ Serão atacados, segunda-feira próxima, com todo rigor, as obras de adaptação do edifício situado à rua 1º de Março, destinado ao Grupo Escolar, prestes a ser instalado (*O 5 de Abril*, 06/06/1930, p. 2).

² O número elevado de crianças nas salas de Jardim de Infância parece constituir-se uma prática na época: “A professora Maria Pechmann, ocasionalmente auxiliada por Marta Pechmann, em 1948, tem 50 crianças sob seus cuidados no Jardim de Infância” (Sarlet, op cit, p. 111, referindo-se à Fundação Evangélica, que trataremos a seguir.)

primeiro ano [para a alfabetização]”. Além disso, ainda complementa: “e na turma tinha uma menina excepcional”. Entretanto, pelas lembranças fica evidente que o trabalho era de qualidade: “Eu sei de pessoas que tiraram os filhos de escola particular e foram pra lá (...) Mas eu fiquei doente, sabe? Eu fiquei doente do sistema nervoso (...) E depois o estado não tinha verbas naquela época para colocar mais professoras (...) e a minha mãe [professora na mesma escola] já estava esperando a aposentadoria, ela vinha na hora do recreio e ficava, assim, ajudando a controlar as crianças, porque eles se espalhavam no meio do pátio, entre os balanços... tinha que cuidar, né? Aí ela dava uma olhadinha pra mim”. Significativo constatar que, conforme o depoimento da entrevistada, não havia uma orientação pedagógica específica para tais classes, cabendo à professora definir seus encaminhamentos e linha a seguir.

Mas é na rede privada de ensino que os dados acusam a experiência pioneira em termos de atendimento à infância no município. A pesquisa localiza no ano de 1931 a primeira notícia sobre o assunto. Duas são as fontes que levam a tal constatação. Na obra de SARLET (1993), encontramos as seguintes referências:

De 1928 a 1931, serviu em Hamburgo Velho³ o pastor Ulrich Schliemann. Como aquela foi uma época de criação de novas escolas e novos cursos, também na Fundação Evangélica, em 1931, ele sugeriu às senhoras do “Evangelischer Frauenverein” de Hamburgo Velho a criação de um “Kindergarten”, uma vez que na Fundação Evangélica havia uma diaconisa, especializada em educação pré-escolar, e que poderia orientar o trabalho. As senhoras puseram mãos à obra. Uma casa para abrigar as crianças foi construída junto à casa paroquial e, em junho de 1931, com 30 crianças, sob os cuidados de Edith Schmidt e a orientação da diaconisa, foi inaugurado o Jardim de Infância. Para cuidar das crianças durante o ano seguinte, foi convidada a senhorita Maria Pechmann (p.108).

Outra fonte que confirma o acontecimento é o periódico da cidade, quando noticia:

Jardim de Infância: A sociedade de Senhoras da comunidade Evangélica está ultimando a instalação de um jardim de infancia (Kinder Garten) par o próximo anno. O referido Jardim poderá ser visitado por menores de 4 a 7 annos. Quer pela excelentes installações com que o novo Recreio Infantil está dotado, quer pelos cuidados de suas educadoras, saberão, certamente, os srs. Paes matricular seus filhos, dando-lhes assim os primeiros rudimentos e sobre tudo proveitosa segurança (O 5 de Abril, 11/12/1931, p.2)⁴.

A pesquisa de SARLET (op cit), entretanto, refere que em anos imediatamente subseqüentes, por razões econômicas, aquela experiência pioneira não consegue se manter

³ Trata-se do bairro que deu origem ao município.

⁴ Conforme já verificado em parágrafos anteriores, respeita-se a grafia conforme consta nos originais.

conforme havia sido sonhada: “Após estes dois primeiros anos, minguiaram os recursos da Associação das Senhoras Evangélicas. Não havia como ampliar o Jardim de Infância e nem como manter a diaconisa especializada. As senhoras decidiram doar o Jardim de Infância com suas instalações à Fundação Evangélica em 1934” (p.108).

Constata-se, porém que, paradoxalmente, este fato provocado por carência de recursos vai servir como desencadeador de um espaço histórico de formação de professoras para Educação Infantil: a Fundação Evangélica virá a se constituir como uma das instituições mais importantes e decisivas no processo de discussão e preparação de profissionais desta área em todo Vale dos Sinos e até mesmo no Rio grande do Sul⁵. A etapa fundacional deste processo, de fato teve sua gênese em 1910, “quando da inauguração da nossa Escola de *Alt-und Neu Hamburg*. Por iniciativa do Pastor Pechmann, na ocasião foi fundado o primeiro grupo de senhoras evangélicas, então ligado ao *Gustav Adolf Verein, Obra Gustavo Adolfo*. Uma das metas era a colaboração na educação e formação de moças” (op cit, p. 108). E logo a seguir complementa:

Em março de 1934, teve início o primeiro “Curso para formação de Professoras de Jardim de Infância”, na Fundação Evangélica. Com isto foi concretizado um antigo projeto, pois já no início do século haviam sido detectadas estas necessidades. De 1934 a 1937, formaram-se nove professoras. As cinco alunas de 1938 acabaram não se formando, em decorrência das dificuldades surgidas com o Corpo docente de língua alemã, então proibida por motivo da “Campanha de Nacionalização” (idem, p. 108).

Um documento significativo datado de 10 de dezembro de 1938, hoje incorporado ao acervo da instituição, consiste na cópia do diploma da aluna Ruth Mater, cujo cabeçalho diz: *Evangelisches Stift in Hamburgo Velho*, e em seguida: *Zeugnis über die Befähigung als Kindergärtnerin*. Ou seja, *Fundação Evangélica de Hamburgo Velho*. Seguido de: *Diploma de Jardineira de Infância*. Entre os demais dados que constam do documento, destaca-se a confissão religiosa da aluna, *evangelischen Bekenntnisses* (evangélica), a data do exame final, seguido da nota *Sehr gut* (Muito Bom). Antes das sete assinaturas da *Die Prüfungskommission* (Comissão Examinadora), consta também em língua alemã: *A Senhorita Ruth Mater está apta para desempenhar a função de Diretora de Jardins de Infância e de educacionista nos lares*.

⁵ Além de ser pioneira na edificação de Cursos na modalidade de Estudos Adicionais (complementares ao Curso regular de Magistério), é nesta instituição que acontece anualmente, desde 1980, o Simpósio de Educação Infantil, reunindo em média 400 a 500 educadores/as em torno de pesquisadores/as e especialistas que discutem temas contemporâneos emergentes.

Conforme se pode deduzir, e conhecendo o contexto da época, todo um ritual e rigor estavam presentes nesta formação. Em termos de filosofia pedagógica, SARLET (op cit) dá conta que o trabalho nesta instituição era inspirado nas idéias de Froebel e de Kerschensteiner, tanto no Curso de Formação como na sala de aula do Jardim de Infância que ali se oferecia⁶. Vale lembrar que não eram diferentes das idéias que norteavam também a orientação nos Jardins de Infância em outras instituições do país (KUHLMANN, 1998).

Ainda em relação às iniciativas de instituições privadas no município em estudo, é importante verificar que no ano imediatamente seguinte à instalação deste Jardim de Infância sob a orientação da comunidade de orientação evangélica, uma escola privada católica também decide abrir-se para tal experiência, anunciando no jornal local: “*Collegio São Luiz: As aulas deste estabelecimento terão início também no dia 1º de março próximo. Anexo funcionará sob os cuidados de ryma. Irmãs, um bem installado Jardim de Infancia, onde serão aceitas creanças desde a idade de 3 annos*” (O 5 de Abril, 26/02/1932). Cabe continuar investigando a fim de verificar que elementos de contexto levam as duas instituições a tomar tais iniciativas quase ao mesmo tempo. Não estaria engendrando-se um tipo de modernização urbano-industrial, buscando edificar-se um *ethos de civilidade* pautando, como diz FREITAS (2002, p. 351) numa nova disciplina social, remodeladora e em todos os aspectos, saudável, tendo como ponto de partida, a criança? Obviamente há que acrescentar que as duas principais ordens confessionais da cidade também disputam espaço e influência naquele momento. Estas e outras questões merecem ser perseguidas na próxima etapa de investigação.

Olhando mais precisamente para o ano de 1942, alguns dados indicam que decisões podiam surgir independente de regulações oficiais, vindo a determinar práticas aliando iniciativas públicas e privadas. É o caso relatado pela professora Celita:

Eu estava na porta do bar, parada e ela (uma professora sua conhecida) passou e me convidou se eu queria trabalhar com ela no bairro África: Escuta, Celita, e se nós criássemos um Jardim lá? Aí eu disse: Bem, vamos na prefeitura para sabermos se podemos ou não podemos fazer isso (...) Eu fui, pedi uma audiência com o prefeito - era o Odon Cavalcanti - aí ele disse: vocês podem, mas vamos primeiro de casa em

⁶ Diz o texto literalmente: Froebel (1782/1832) afirmava que três fatores devem concorrer para a formação do ser pela educação: a espiritualidade, as ciências naturais e a linguagem, pois a ciência do homem é essencialmente a da linguagem, porque se a espiritualidade manifesta o ser, a natureza manifesta a essência da força e a ação, a linguagem manifesta a vida como tal e como um todo. Igualmente as idéias de Georg Kerschensteiner (1854/1932) tiveram influência nesse trabalho: toda pedagogia deve repousar essencialmente numa filosofia de vida. A Educação tem por objetivo a formação do caráter, com suas qualidades fundamentais: a força da vontade, independência e capacidade de decisão, firmeza e tenacidade, clareza do juízo, firmeza dos sentimentos, o impulso indo a traduzir a profundidade e a duração dos movimentos da alma no sentido dos valores (Sarlet, op cit, p. 109).

casa saber quantas crianças têm para fazer um levantamento (...) Deu sessenta e poucas crianças, que as mães precisavam trabalhar e não tinham onde deixar os filhos (...) Nós trabalhávamos na Igreja ainda. Era uma capelinha, tinha a nave, ela trabalhava com a turma na nave da Igreja e eu trabalhava na Sacristia com os pequenos...

Finalizando, ressalta-se uma das idéias inspiradoras desta empreitada: a lembrança do passado pode despertar em nós “o eco de um futuro perdido do qual a ação política deve, hoje, dar conta”. Assim refere-se GAGNEBIN (1994), inspirado em Walter Benjamin, para quem a história tem na rememoração do passado um meio de presentificar o futuro. E é precisamente sob esta dimensão que se processa a presente pesquisa. Ou seja, valer-se de discursos, seja em torno das ações cotidianas, seja em torno das políticas de Educação Infantil acumulados ao longo do tempo, analisando-os a partir das questões que se colocam hoje, na tentativa de compreender como se constitui a educação voltada para a infância no presente, quem sabe entendendo os programas e propostas como associados a uma racionalidade de governo social dos cidadãos.

No conjunto já podem ser visualizados alguns fatos coincidentes, algumas práticas que se assemelham, permitindo desenhar pequenos universos discursivos. Na etapa a seguir, tais recorrências merecem ser problematizadas com maior profundidade, esboçando-se redes articuladas entre si e entre instâncias de poder envolvidas.

Bibliografia

- ALVIM, M.R. B e VALLADARES, L. do P. Infância e Sociedade no Brasil: uma análise da literatura. **Boletim de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, ANPOCS, n°26, 1988.
- ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.
- BENJAMIM, Walter. **Obras escolhidas I - Magia e Técnica**. Arte e Política. São Paulo, Brasiliense, 1997.
- DEL PRIORE, Mary (Org.). **História da criança no Brasil**. São Paulo, Contexto, 1991.
- FARIA, Ana Lúcia (Org.) Grandes políticas para os pequenos. **Cadernos CEDES**, Campinas, Papirus, 1995.
- FISCHER, Beatriz T. D. **Professoras: Histórias e discursos de um passado presente**. Pelotas, Seiva Publicações, 2005.

- _____. Ponto e contraponto: harmonias possíveis no trabalho com histórias de vida. In: **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. ABRAHÃO, Maria Helena M. B. (Org). Porto Alegre, EDIPUC/RS, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11^a. Ed. Rio de Janeiro : Graal, 1995.
- FREITAS, Marcos C. e KUHLMANN Jr. Moisés (Orgs.), **Os intelectuais na história da infância**, São Paulo, Cortez, 2002
- GAGNEBIN, J. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo, Perspectiva, 1994
- GÉLIS, J. A individualização da criança, In ARIÈS, P. ; CHARTIER, R. (Orgs.) **História da vida privada**. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- GONDRA, JOSÉ. (Org.) **História, Infância e escolarização**. Rio de Janeiro, Editora 7 Letras, 2002.
- GUIRALDELLI Jr., Paulo (Org.) **Infância, escola e modernidade**, Curitiba, Editora da UFPR, São Paulo, Cortez, 1997.
- KUHLMANN Jr. Moisés. **Histórias de educação infantil brasileira**. Revista brasileira de Educação, mai/ago, 2000.
- KUHLMANN Jr., Moisés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre, Mediação, 1998.
- NARODOWSKI, Mariano. *Infância e poder: conformação da pedagogia moderna*. Bragança Paulista, EDUSF, 2001.
- QUINTEIRO, Jucirema. Infância e Educação no Brasil - um campo de estudos em construção, In FARIA, Ana L., **Por uma cultura da infância**, Campinas, Autores Associados, 2002.
- RIZZINI, Irene e RIZZINI, Irma. **Menores institucionalizados e meninos de rua: Os grandes temas de pesquisa da década de 80**. São Paulo, Cortez, 1991.
- RIZZINI, Irene. Levantamento bibliográfico da produção científica sobre a infância pobre no Brasil. **Estudos e Pesquisas**, Rio de Janeiro, nº 3, 1989.
- ROCHA, Eloisa A. C. **A pesquisa em Educação Infantil no Brasil: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia**. Florianópolis, UFSC, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicação, 1999.
- SARLET, Erica. **Ainda hoje plantaria minha macieira**. São Paulo, Editora Sinodal, 1993.